

COMO SER NEGRO NA SOCIEDADE ATUAL

HOW TO BE BLACK IN THE CURRENT SOCIETY

Elsa Cilane Rodrigues da Silva **1**
Marinalva Rodrigues da Silva Lima **2**

Resumo: Este artigo abordará os fundamentos e as manifestações da discriminação racial e de gênero ao mesmo tempo em que focaliza as bases teóricas articuladas e a ação empreendida no exercício da resistência e da superação, que envolve a construção de novas identidades. Indagamo-nos sobre as diversas abordagens nas ciências sociais dos valores e da cultura, nas questões de raça, racismo, interligadas com as de gênero, conquistas e incertezas. Discutimos então, se a saída implica nas desigualdades sociais, raciais, suas raízes históricas e o contexto ideológico no qual se desenvolveram. Deixando resistência para seus descendentes se para se tonarem cidadãos nas sociedades atuais.

Palavras-chave: sociologia; preconceito; valores; cultura; identidade.

Abstract: This article will address the foundations and manifestations of racial and gender discrimination while focusing on the articulated theoretical bases and the action taken in the exercise of resistance and overcoming, which involves the construction of new identities. We inquire about the different approaches in the social sciences of values and culture, in the issues of race, racism, interlinked with gender, achievement and uncertainty. We then discuss whether the exit implies social, racial inequalities, their historical roots and the ideological context in which they developed. Leaving resistance for their descendants to become citizens in today's societies.

Keywords: ideology; preconception; values; culture; identity.

Mestranda em Educação pela Universidade das Américas - **1**
UNIAMERICAS, possui Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira - ESEA (2010) e graduação em História pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2008). Atualmente integra o corpo docente da Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS Campus Araguatins e do Centro de Ensino Médio Professora Antonina Milhomem - CEMPAM Araguatins-TO. Tem experiência na área de Ciências Humanas com ênfase em História, Filosofia e Sociologia.
E-mail: cilne.edu@hotmail.com

Graduação em Licenciatura Plena em História - Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Pós - Graduação Lato Sensu em História e Cultura Afro-Brasileira – ESEA. E-mail: marinalvars@outlook.com **2**

Introdução

Em sociedades tecnológicas, globalizadas, a concepção dialógica do conhecimento humano, busca permitir numa outra dimensão para a representação de uma sociedade, as múltiplas dimensões, formas e identidade que envolve a raça/cor aproximando-os das expressões da questão social. É este todo um complexo psicológico-cultural elaborada em cerca de mitos séculos, na qual exprime em atitudes que tem um longo passado humano e uma estrutura de classes rigidamente tecida pelos brancos.

A busca de valores e referenciais de subsídio está implícita à noção de identidade como sete co-projeto. Os movimentos sociais incubem-se dessa busca articulando críticas a cultura e ao poder centralizado. Entretanto, quando se questiona sobre o pensamento dos intelectuais afro-brasileiros, reivindica-se o reconhecimento da questão racial, não como um problema do negro, mas como uma questão nacional.

Importa dizer que, se por um lado, a noção de raça, está embutida na hierarquia social a cor, da escravidão, por outro lado as referências ao negro costumam se articular no tempo futuro/passado, eventualmente ao cultural, moral.

Percebemos que em uma sociedade marca mente preconceituosa, a discriminação racial tem sido identificador como fator de estímulo a evasão escolar e fator de estímulo de baixa autoestima entre alunos afro-brasileiros, prejudicando o progresso educacional, no qual envolve as relações sociais/ alunos/ professores/ pais/ instituição educacional. Enfim, procura-se inserir nas escolas públicas universidades a respeito a valores culturais diferenciados, para combater o racismo de forma efetiva. No Brasil, isso significa desvelar as ignificações racistas como atitudes agressivas contidas em piadas, apelidos e incidentes aparentemente sem importância. O impacto desses fatos sobre a formação de uma personalidade pode ser devastador. O tradicional silêncio apenas vem a confirmar essa hipocrisia.

Racismo é crime!

Norberto Bobbio (1992) “discorre sobre o surgimento e a evolução dos direitos humanos, os quais, interligados à democracia e à paz, formam uma tríade indissociável e interdependente. Em sua elaboração o autor afirma que essa tríade é responsável pela visão de que o homem tem sua dignidade intrínseca à a sua formação humana e que, por isso, ele tem direitos a ter direitos”.

Dessa forma, possibilita a harmonia, entre negros, e brancos, garantindo a liberdade, especialmente das classes social e economicamente menos privilegiadas.

Discutimos então, a partir dessa constatação: Como é ser negro no Brasil hoje?

A Concepção de Valente (1994 : 7)

O racismo é um problema mundial, mas geralmente no Brasil é tratado como se existisse apenas fora do país [...]. O duro é admitir que o racismo também está presente entre nós, brasileiros, e que o negro é uma de suas vítimas prediletas “[...]”.

Ao analisar a trajetória dos direitos humanos, utilizando como referência a lei Áurea em 13 de maio de 1888, no Brasil, a obtenção de escravos ocorria de forma bem aleatória. As expedições portuguesas iam procurar riquezas da costa noroeste da África e o rapto de nativos, arrancados de suas casas, fazia parte do conjunto de atividades a que se dedicavam os lusitanos.

Tal fato nos remete a outras leituras: não se deu no Brasil a primeira experiência portuguesa com a mão-de-obra escrava, ela já vinha há muito tempo (antes) em 1441 quando Antão Gonçalves regressou de uma expedição ao Rio do Ouro, carregando consigo, meia dúzia de aze negues capturados na costa do Saara, na África, para o rei D. Henrique.

Deve-se, contudo, lembrar que a história do Brasil, registra de forma notória, o arcabouço ideológico que sustentava a lei Áurea, significando assim a “libertação” dos escravos.

Para Nascimento (2003: 368-369)

[...] o negro e o mulato, os homens de cor – devem ter uma contra ideologia racial e uma contraposição em matéria

econômica social. O brasileiro de cor tem de ser bater simultaneamente por uma dupla mudança: a) mudança econômica social no país – b) mudanças nas relações de raça e de cor.

Essa linha de interpretação expõe de maneira clara os pressupostos de como vive o negro no Brasil de hoje.

É óbvio que num país de desigualdades como o nosso, no qual há grande probabilidade de um jovem negro ser discriminado ser obrigado a situação incontestável. Observamos que os envolvidos nesse processo, sociedade e muitas vezes, outros indivíduos atuantes, procuram envergonhadamente contribuir para a evolução do racismo discriminatório.

Insistimos que é preciso tratar a temática de maneira racional, mesmo que se considere essa atitude fria ou morna, já que o recurso ao sentimentalismo pode fazer-nos cair em outra armadilha que pode reforçar o preconceito. Por isso Valente (1994: 9) questiona, afirmando que "... “os negros são exagerados”, “escandalosos”, “emocionais”, “agressivos” demais? ”.

Enquanto a sociedade se calar frente ao preconceito, podemos nos perguntar coibir e punir as práticas racistas será o suficiente para acabar com elas?

Apesar da promulgação do novo texto constitucional em 1988, “o racismo é um crime inafiançável e imprescritível, na prática encontramos enormes dificuldades em cumpri-las. E as justificativas são as mais variadas como as seguintes: eu não sou racista, no Brasil não há discriminação.

Ao refletirmos sobre as causas de violência verbal ou assédio moral a cor, raça, nos deparamos com questões relativas a esse preconceito. Discute-se então, quais seriam as razões históricas aos mecanismos atuais em relação aos negros, não só no Brasil, mas em outros países como os Estados Unidos e na própria África do Sul. Temos a pretensão para minimizar ou responder a todas essas indagações, mas sim propor atividade educacional para superá-las.

Nascimento (2003 : 47) ao tratar do preconceito preconiza que: “a pretensão de eliminar o termo ‘raça’ do vocabulário científico e popular resume-se a um utópico e fantasioso engano, pois mesmo eliminando o vocábulo no imaginário social, as diferenças físicas visíveis continuariam a ser tipificadas e interpretadas pelo senso comum que constrói socialmente “raças simbólicas” (...) “Aliás foi esse o logro do sortilégio da cor no Brasil, onde a substituição da ideia explícita de “raça” pelo nome da “cor” permitiu construir uma pretensa ideologia antirracista.

Tal fato nos remete ao conceito de destino, amplamente utilizado no senso comum como um futuro pré-estabelecido do qual não se pode fugir.

Por essa razão achamos necessário discutir uma temática tão polêmica como o racismo, para que assim seja compreendido em suas dimensões menos evidentes e mais complexas, é preciso fazer um esforço inicial para separarmos falsas ideias e questionar alguns princípios tidos como imutáveis ou eternos.

Contudo, a análise nos permite a reflexões sobre a questão racial de forma a dar conta desses retrocessos e dessa insuficiência, no intuito de construir alternativas de políticas capazes de superá-las. Nascimento (2003: 202) propõe uma análise mais profunda, afirmando que:

“Além da busca da identidade cultural e da ação política, o terceiro objeto fundamental da negritude é o repúdio ao ódio (...). O negro não quer isolar-se do resto do mundo”.

Isso torna o direito à educação, inserção social um paradoxo pois, se para desfrutá-las, o negro tem o dever de posicionar-se diante do mundo, porque não fazê-lo?

O Brasil está conseguindo vencer, no ritmo desejado, o combate contra o racismo que é considerado por muitos educadores, estudiosos, e pesquisadores um avanço. Dados recém tabulados mostram que um Brasil mais consciente está surgindo, engajado em movimentos acadêmicos como afirma Valente (1994:12) “ser negro no Brasil hoje não é fácil. Aliás, nunca foi”. [...]. “Porém, muita casa mudou desde o tempo da escravidão”.

Conscientemente ou não, a questão do preconceito que envolvem negros e brancos não é só um problema de raça ou cor. O negro vive então obrigado a ter uma consciência dupla: uma diante do branco e de se mesmo como membro de outra “raça” ou grupo étnico que implica uma diferenciação social especificada; e outra como membro de uma classe social ante os membros de outras classes. No entanto vários obstáculos impedem o negro de criar essa dupla consciência.

Apesar de a realidade em nível mundial, ser marcado pelo conflito de interesses entre classes não é sempre que esse conflito é contundente, embora esteja sempre explicitado.

Em seu estudo realizado sobre o Sortilégio da cor, Nascimento (2003:46) mostra que: “mediante a magia acadêmica científica, ficaria reduzida à condição de mera coincidência ou de resquício instrumental do sistema escravista a permanência dos grupos de cor escura na base da pirâmide social durante o processo de imigração”.

Essa crítica nos remete nos remete as reivindicações, os questionamentos sobre o preconceito racial, pois houve muitas lutas, ainda há, com a participação de grandes líderes negros, sindicatos em busca de melhores condições de vida.

No que diz respeito apenas os negros, no Brasil há um mito que impede que muitos deles se identifiquem propriamente como pessoas negras e partam juntamente com outras pessoas comprometidas com sua causa, para a ação política. É o mito da democracia racial, eficaz por negar que exista conflito entre negros e brancos.

É difícil não concordar com esse parecer, pois as leis ainda são insuficientes para dar vida ao problema racial em nosso país. Porém não há porque menosprezar os seus efeitos para coibir uma prática absurda, que não tem razão de existir. Essa prática existe, durante séculos, mas a educação propôs mudança, porque racismo é oficialmente crime e pode ser punido.

De acordo com Valente (1994:8) “a educação é uma das saídas para o enfrentamento do problema racial no Brasil”, pois não adianta ter gente sensível ao problema enquanto houver quem ponha na cabeça dos próprios filhos o bê-á-bá do racismo, criando-se um círculo vicioso; que as pessoas devem começar a admitir a existência de problemas raciais no país, porque só assim é possível propor soluções eficientes.

Ser negro: Uma questão de identidade?

Segundo Silva (1995)

O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e malgrado sua ignorância, um objeto de ciência.

No Brasil, nas décadas de 20 e 30, ocorreu uma mudança na perspectiva de compreensão da questão negra, que assim deixou de ser apenas uma questão de raça. A partir da inspiração em estudos científicos, sobretudo da antropologia cultural norte-americana, passou a ser criticada a visão patológica que em geral se tinha sobre os negros.

A concepção de Gilberto Freyre, autor brasileiro com projeção internacional, foi um dos adeptos dessa nova visão. Em sua obra procura analisar a maneira como negros, índios e brancos contribuíram para a formação da sociedade multirracial. Mas e o negro?

Esse ponto é fundamental para o contexto brasileiro, pois talvez a mais destacada característica do racismo no Brasil seja sua natureza inconsciente. As atitudes racistas e o privilégio atribuído ao ser branco imperam como subtexto de raça no consenso intersubjetivo da cultura. Na maioria das vezes passam simplesmente despercebidos.

Não surpreende então, que os homens brancos recebem mais de três vezes o que ganham as mulheres afro-brasileiras, que por sua vez ganham menos da metade do valor da renda mediana da mulher branca.

Mais recentemente, porém, a natureza racial das desigualdades vem sendo aos poucos demonstrada por meio de pesquisa. Carlos Hasenbalg (1993) e Nelson do Vale Silva (1993) iniciaram uma linha de pesquisa mostrando que “o fator discriminação racial, independentemente de outros fatores como educação, contribui para instituir, ao menos em parte, as desigualdades.

Assim, o enfoque cultural da etnia nem sempre oferece uma saída limpa do terreno do racismo, pois essa identidade procura também descrever coletividades como a afro-brasileira que não constitui propriamente uma raça nem uma etnia, mas um grupo social definido com referência à entidade racial, ou seja, à origem geográfica ancestral que implica comunalidade de trajetória histórica e sociocultural.

Diante dessa afirmação, Abdios Nascimento (1996:51) coloca que:

Se usarmos as expressões raça, racismo, é, evidentemente,

conforme o entendimento informal, popular (...). Convém acentuar, entretanto, que o tabu, redigiu a palavra raça, jamais impediu e jamais impedirá que exerçamos os atos ditados pelo nosso sentimento de responsabilidade para com o futuro do negro no Brasil.

A afirmação de Abdios Nascimento remete-nos a questionar ao longo desses anos de liberdade, como é realmente ser negro no Brasil.

Nesse contexto, assumindo sua própria identidade, o negro é então capaz de combater e se livrar da identidade negativa imposta pelo branco. Ao ser considerado e reconhecer-se negro, tem a possibilidade de lutar por um tratamento igual, mantidas as diferenças.

Além disso, e como era de se esperar, após a constituição de 1988 quem pratica o racismo não deixa de estar sujeito a punição, pagando uma mera multa ou fiança. Também o autor do crime do racismo, em qualquer momento, pode ser punido. Ou seja, não se extingue a sua punibilidade por não haver o estado exercido o seu direito de ação contra ele, no tempo legal, ou por não ter efetivado a condenação imposta.

O que queremos salientar é que esses direitos sejam cumpridos e assim possa eliminar algumas dessas manifestações públicas desse preconceito. Segundo Valuite (1994:45).

O negro não querendo ser negro e não conseguindo ser branco através de seus descendentes, coloca-se, como pessoa num impasse: “ser sem querer ser”, “querer ser sem poder ou conseguir.

Somente quando toma consciência disso, é que o negro pode vir a passar por um processo através do qual assume o que na verdade é: negro. O impasse se resolve assim, “ser querer ser.

Ser Negro no Brasil: Dramas e Lutas por uma Inclusão Social

O grande desafio da sociedade brasileira atualmente é assegurar a todos, inclusive aos negros uma oportunidade, como educação, de modo a oferecer uma instrumentação técnica, crítica para que possa cumprir com sua responsabilidade social mais justa e solitária.

Essa mudança de paradigma é marcada por uma forte tendência à adoção de práticas interativas participativas e democráticas, caracterizadas por movimentos dinâmicos e globais pelos quais, pesquisadores, educadores e líderes negros, estabelecem alianças, a parcerias na busca de superação de problemas enfrentados pelos afro-brasileiros. Tais movimentos partem do pressuposto de que qualquer dificuldade específica é em si, global por afetar direto ou indiretamente, a todos os aspectos de uma realidade.

Para nascimento (2003:82)

A pluralidade étnica e cultural da sociedade brasileira passa a constituir um tema fundamental da busca de cidadania por grupos discriminados como o índio e o negro. Fruto dessa ação dos movimentos sociais foi à inscrição, na nova Constituição da República de 1988 (art.215), da natureza multiétnica e pluricultural da sociedade brasileira.

Essa afirmação se justifica porque se reconhece que a educação, na sociedade globalizada e economia centrada no conhecimento, é dotada de grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade e da qualidade de vida de seus cidadãos.

Em outra expressão desse empenho em pensar as questões da gente negra no combate a discriminação, Raul Joviano do Amaral sustenta que a Frente Negra “(...) é o resultado de uma consciência da nova geração negra no

“Brasil na observação e estudo do ambiente nacional em relação aos problemas que preocupam a humanidade dentro das novas perspectivas da vida”.

Espera-se que com essa reflexão se possa contribuir para alcançar a meta preconizada ao

longo das décadas anteriores: aglutinar as inúmeras associações afro-brasileiras numa união de forças, realizando um trabalho articulado com nitidez. Bastide (1973:156) afirma no Manifesta à Gente Negra brasileira, publicado no Clarim d'Alvorada (8 de junho de 1929) e reproduzido (em 1931);

O problema negro brasileiro é o da integração absoluta, completa, em toda a vida brasileira (política, social, religiosa, econômica, etc.) O negro brasileiro deve ter toda formação e toda aceitação, em tudo e em toda parte, dadas as condições competentes (que devem ser favorecidas) físicas, técnicas, intelectuais, morais, exigidas para "igualdade perante a lei.

Essa observação parece caber, de curta forma, às prioridades de ação para atingir esses fins, apesar das décadas passadas entenderem que a frente de luta estava localizada não só pela liberdade, mas também no campo da educação e dos direitos de cidadania.

Na verdade, muitos projetos, movimentos envolvendo a questão negra no Brasil tem grandes repercussões como, núcleos e filiais espalhadas pelo interior do estado de São Paulo bem como uns 6 mil membros efetivos em Santos, a Frente Negra Brasileira efetivamente constituía em movimento de massa, nos quais insere-se também, desfiles, atos públicos, conferências públicas, seminários e outros eventos para protestar contra a discriminação racial.

Em cada sociedade desenvolvida, a opinião pública e a classe política não estão mais dispostas a somente apoiar o crescimento intelectual da educação, mas também as prestações de contas querem uma sociedade mais democrática, que prepare melhor para a vida sem por isso custar mais caro, discriminando.

Certamente, que alguns negros brasileiros não têm permanecido passivos ante os mais diversos tipos de violência a que são submetidos. Para Valente (1994:46).

Ser negro no Brasil é uma questão política. Não a política apenas no sentido partidário, que é importante, mas no sentido mais amplo das relações humanas. Para isso, essas relações devem ser conhecidas. E quando forem relações marcadas pelo preconceito e discriminação devem ser reconhecidas e assumidas, para então serem coibidas e penalizadas (Valente 1994:46).

Geralmente analisamos tais situações como se fossem brincadeiras. Frases famosas como: "você é um negro de alma branca". "você é negro, mas é inteligente!".

Se as pessoas parassem para pensar no que dizem, no que pensou. Porque um negro bom tem de ter alma branca? O fato de ser negro impede alguém de ser simpático ou inteligente?

As dificuldades enfrentadas pelo negro brasileiro no processo de seleção no mercado de trabalho, geralmente explicadas por empregadores racistas como sendo consequência de sua falta de aptidões, falta de conhecimentos técnicos ou específicos. Como decorrência disso, grande parte dos negros no país está desempregada ou subempregada.

Um outro negro, com bom nível de escolaridade, consegui chegar a posições elevadas. Entre eles, alguns passam a não admitir que os obstáculos enfrentados tenham exemplos como Pelé que é o rei do futebol. Milton Nascimento, Gilberto Gil, Jorge Bem Jor, Djavan e outros. O que eles têm em comum além do fato de serem negros? Ascensão social por se destacar no esporte, na música.

Por essa razão, Ana Lúcia Valente (1994) em seu livro "Ser Negro no Brasil Hoje" descreve, além dos citados a cima, outras personalidades negras que fizeram história em nosso país: Chica Xaurir, Zezé Mota e outra geração de jovens autores negros, que nos últimos tempos tem conseguido um espaço maior de representação em novelas da tevê, reclama discriminação existente e reivindica para si o reconhecimento como bons profissionais independentemente de sua cor.

Portanto, ao se discutir um assunto tão complexo, deve-se questionar de forma racional, o papel que cada indivíduo tem em uma sociedade multi hegemônica.

Considerações Finais

A noção de uma identidade como dinâmica de identificação de raça (étnica) revela-se útil por sua ênfase uns valores e referências de subsidio está implícita à noção de identidade como projeto. Os movimentos sociais incubem-se dessa busca, articulando críticas à cultura hegemônica do poder, para poder, buscar propostas efetivas e eficazes de enfrentamento desse problema.

Com o intuito de contribuir para a eliminação do racismo no Brasil, algumas ações vêm sendo desenvolvidas nos planos educativo, cultural e legal. Ações educativas e culturais são propostas por grupos negros organizados, por estudiosos e pessoas comprometidas com a luta antirracista.

Pretendemos colocar sem discussão alguns aspectos das relações entre negros e brancos no Brasil. Também tentamos demonstrar as dificuldades de solução desses problemas.

Por essa razão, as teorias definem compromissos com determinadas maneiras de ser e estar no mundo, de como interpretá-lo. Dependendo da maneira como se organiza uma sociedade e dos interesses dos grupos que a compõem, as interpretações podem ser diferentes.

Todas essas considerações são importantes e relevantes quando se trata de uma prioridade ainda muito atual e contemplada hoje com o mesmo sentido de urgência pelo movimento social afro-brasileiro.

Nesse contexto, como tudo que é humano, essa dinâmica envolve uma dimensão de poder, conquistar a democracia racial.

Referências

Valente, Ana Lúcia E-F. **Ser negro no Brasil hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna. 1994 _____
_____. Brasil- Relações raciais: 11ed. São Paulo: Moderna 1964.

Nascimento, Elisa Larkim, **O sortilégio da cor; identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Sunnus, 2003.

Freyre, Gilberto. Aspectos **da influência africana no Brasil**. 23 out-dez-1976. Brasília; Ministério da Educação e Cultura.

Hansenbalg, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro; Graal. 1979.

Silva, Nelson do Vale Hansenbalg, Carlos Natus. **Sobre a desigualdade racial e política no Brasil**. Estudos Afro-Asiáticos, 25. Dez. 1993.

Nascimento, Abdias: (org.) Teatro **experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: Grd, 1996.

Bobbia, Norberto (1992). **A era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsurir Editora. 2004.

Silva, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte; Mazza, 1995.

Recebido em 09 de novembro de 2018.

Aceito em 25 de março de 2019.